

Leonie Frieda

CATARINA *de* MÉDICI

PODER, ESTRATÉGIA, PAIXÃO E VINGANÇA
A biografia da Rainha que mudou França

TRADUÇÃO
Maria da Cruz

CRÍTICA

Para Li' e Jake
com amor

ÍNDICE

Mapas, árvores genealógicas	11
Principais intervenientes	17
Introdução e agradecimentos	21
 PRÓLOGO: Morte de um rei – 1559	 27
 PRIMEIRA PARTE	
1. Órfã de Florença – 1519-33	41
2. «A maior união do mundo» – 1515-34	64
3. Uma esposa estéril – 1533-47	84
4. A consorte eclipsada – 1547-49	109
5. A crescente importância de Catarina – 1548-59	136
 SEGUNDA PARTE	
6. Uma aliança incómoda – 1559-60	167
7. «Gouvernante de France» – 1560-62	194
8. A Primeira Guerra da Religião – 1562-64	216
9. O grande périplo – 1564-66	237
10. O fim da conciliação – 1566-70	256
11. É combinado o casamento de Margot – 1570-72	286
12. A matança – 1572	314
13. Os últimos anos de Carlos IX – 1572-74	342
14. Henrique III, rei de França – 1574-76	375
15. A traição de Alençon – 1576-84	410

16. A esperança morre – 1584-88.	432
17. E assim perece a raça dos Valois – 1588-1615	465
CONCLUSÃO	475
Notas	479
Bibliografia	495
Índice remissivo	501

A península italiana durante a segunda metade do século XVI

Abreviaturas:

- Monf. Monferrato (de Mântua)
G. Génova
L. Lunigiana (feudo imperial)
Ist. Ístria (de Veneza)
C. Crema (de Veneza)
Lan. Langhe (feudos imperiais)
Gar. Garlagnana (de Lucca)
Sal. Saluzzo (de França)
Cas. Castro (de Parma)



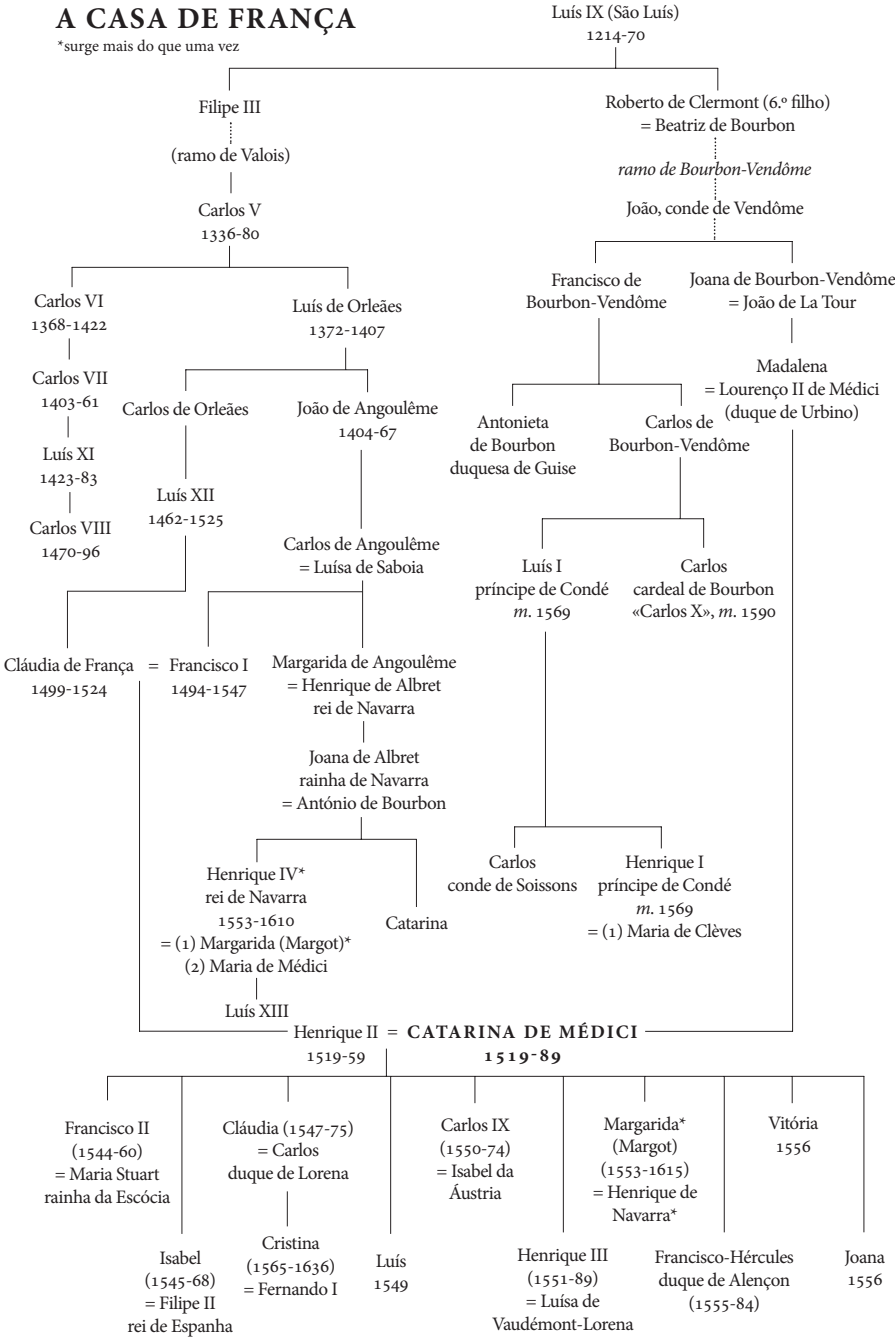
França durante a segunda
metade do século XVI



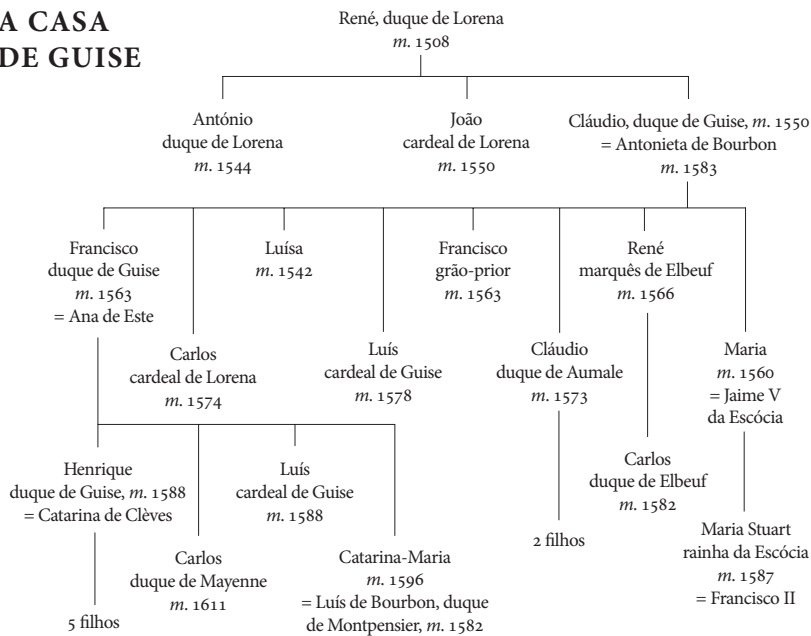


A CASA DE FRANÇA

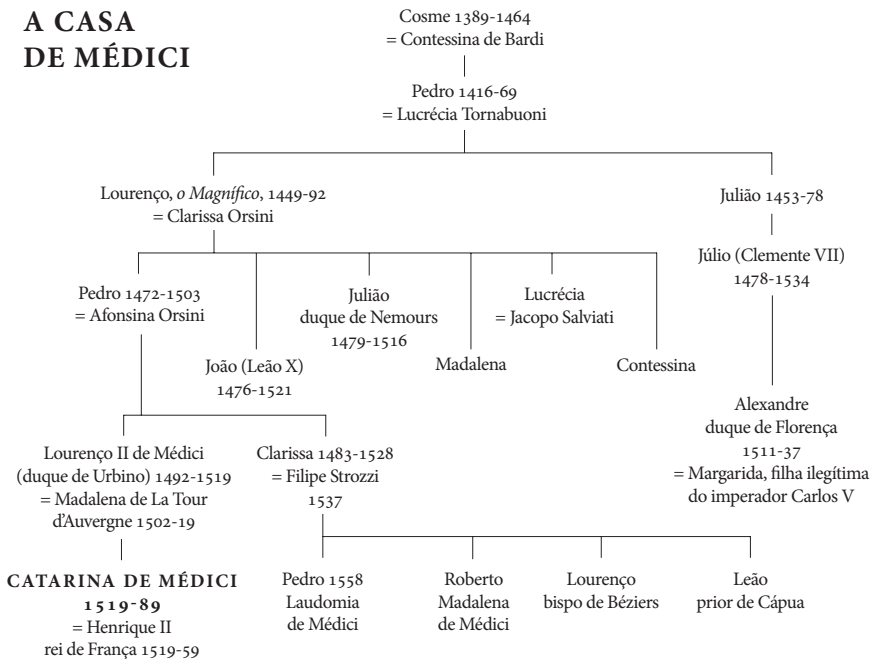
*surge mais do que uma vez



A CASA
DE GUISE



A CASA
DE MÉDICI



PRINCIPAIS INTERVENIENTES

CASA DE VALOIS

Francisco I, rei de França, sogro de Catarina de Médici

Margarida de Angoulême, irmã de Francisco I, mulher de Henrique de Albret, rei de Navarra

Delfim Francisco, filho mais velho de Francisco I

Henrique II, rei de França, segundo filho de Francisco I, anteriormente duque de Orleães, marido de Catarina de Médici

Margarida de Valois, irmã de Henrique II, mulher de Manuel Filiberto, duque de Saboia

Francisco II, rei de França, filho mais velho de Henrique II e de Catarina de Médici

Carlos IX, rei de França, terceiro filho de Henrique II e de Catarina de Médici

Henrique III, rei de França, duque de Anjou, quarto filho de Henrique II e de Catarina de Médici

Duque de Alençon, filho mais novo de Henrique II e de Catarina de Médici

Isabel de Valois, filha de Henrique II e de Catarina de Médici, mulher de Filipe II de Espanha

Cláudia de Valois, filha de Henrique II e de Catarina de Médici, mulher de Carlos, duque de Lorena

Margarida de Valois (Margot), filha de Henrique II e de Catarina de Médici, mulher de Henrique IV, rei de França

CASA DE MÉDICI

Cosme, *o Velho*

Lourenço, *o Magnífico*, neto de Cosme, *o Velho*

Julião de Médici, irmão de Lourenço, *o Magnífico*

Lourenço II de Médici, duque de Urbino, neto de Lourenço, *o Magnífico*,
pai de Catarina de Médici

Madalena de La Tour d'Auvergne, mulher de Lourenço II, mãe de Catarina
de Médici

Papa Leão X, filho de Lourenço, *o Magnífico*

Papa Clemente VII, Júlio de Médici, filho ilegítimo de Julião de Médici,
primo do papa Leão X

Alexandre de Médici, duque de Florença, filho ilegítimo do papa Clemente VII

Hipólito de Médici, sobrinho ilegítimo do papa Leão X

Cosme I, grão-duque da Toscana, parente afastado de Catarina de Médici

Maria de Médici, neta de Cosme I, mulher em segundas núpcias de
Henrique IV, rei de França

Pedro Strozzi, sobrinho de Lourenço II

Leão Strozzi, irmão mais novo de Pedro Strozzi

CASA DE BOURBON

António de Bourbon, rei de Navarra, primeiro príncipe de sangue, pai de
Henrique IV, rei de França, marido de Joana de Albret

Joana de Albret, rainha de Navarra, mulher de António de Bourbon, filha
de Margarida de Angoulême

Luís de Condé, príncipe de sangue, irmão mais novo de António de
Bourbon

Carlos, cardeal de Bourbon, príncipe de sangue, tornou-se pretendente
ao trono como Carlos X e irmão mais novo de António de Bourbon

Henrique IV, rei de França, filho de António de Bourbon e de Joana de Albret,
marido de (1) Margarida de Valois (Margot) e (2) Maria de Médici

Henrique de Condé, príncipe de sangue, filho de Luís de Condé

CASA DE HABSBURGO

Carlos V, sacro imperador romano, anteriormente Carlos I de Espanha

Fernando I da Áustria, sacro imperador romano, irmão de Carlos V

Filipe II de Espanha, filho de Carlos V, cujas mulheres incluíram Maria I de Inglaterra e Isabel de Valois

Maximiliano II da Áustria, sacro imperador romano, filho de Fernando I

Isabel da Áustria, filha de Maximiliano II, mulher de Carlos IX

CASA DE TUDOR

Henrique VIII, rei de Inglaterra

Eduardo VI, rei de Inglaterra, filho de Henrique VIII

Maria I, rainha de Inglaterra, filha de Henrique VIII, mulher de Filipe II de Espanha

Isabel I, rainha de Inglaterra, filha de Henrique VIII

CASA DE GUISE

Cláudio, 1.º duque de Guise, filho de René, duque de Lorena

Francisco, 2.º duque de Guise, filho mais velho de Cláudio, 1.º duque de Guise

Ana de Este, mulher de (1) Francisco, 2.º duque de Guise, e (2) do duque de Nemours

Carlos, cardeal de Lorena, segundo filho de Cláudio, 1.º duque de Guise

Cláudio, duque de Aumale, quinto filho de Cláudio, 1.º duque de Guise

Maria de Guise, filha de Cláudio, 1.º duque de Guise, mulher de Jaime V da Escócia

Maria, rainha da Escócia, filha de Maria de Guise e de Jaime V da Escócia, mulher de Francisco II de França

Henrique, 3.º duque de Guise, filho de Francisco, 2.º duque de Guise

Luís, cardeal de Guise, irmão de Henrique, 3.º duque de Guise

Luísa de Vaudémont, sobrinha-neta de Cláudio, 1.º duque de Guise, mulher de Henrique III, rei de França

CASA DE MONTMORENCY

Anne de Montmorency, condestável de França

Gaspar de Coligny, sobrinho de Anne de Montmorency

Ôdet, cardeal de Châtillon, irmão mais velho de Gaspar de Coligny

Francisco de Andelot, irmão mais novo de Gaspar de Coligny

Francisco de Montmorency, filho mais velho de Anne de Montmorency
Henrique Damville de Montmorency, segundo filho de Anne de Montmorency

OUTROS

Duquesa d'Étampes, amante de Francisco I

Diana de Poitiers, duquesa de Valentinois, amante de Henrique II

Conde Gabriel de Montgomery, assassino acidental de Henrique II

Cosme Ruggieri, necromante de Catarina de Médici

Ambroise Paré, cirurgião da corte

Michel de L'Hôpital, chanceler de Catarina de Médici

Marie-Catherine Gondi, a amiga mais íntima de Catarina de Médici, dama
de companhia, tesoureira e administradora das propriedades de Catarina

Michel de Nostradamus, vidente de Catarina de Médici

INTRODUÇÃO E AGRADECIMENTOS

Catarina de Médici tem sido diversamente apelidada de «A Larva do Túmulo de Itália», «A Rainha Negra» e «Madame La Serpente». Para muitos, é a própria encarnação do mal. Trata-se, na minha opinião, de um juízo tão errado como intolerante. No entanto, não diverge muito do veredito generalizado da História sobre uma das mais extraordinárias mulheres do século XVI.

Se o nome de Catarina suscita hoje alguma reação, é como florentina, patrona do Renascimento e uma envenenadora e intriguista do calibre de Lucrecia Bórgia, com quem é frequentemente confundida. Durante toda a sua vida, os seus inimigos condenaram-na pelo seu país de origem, descrito por Thomas Nashe como «A academia da carnificina, a arena do assassinio, o boticário do veneno para todas as nações». Quando é associada a algum acontecimento histórico, é à Matança de São Bartolomeu em Paris, esse infame ato de violência que tanto maculou o nome da Casa de Valois e de Catarina em particular. Contudo, quando as inequivocamente terríveis ocorrências de 24 de agosto de 1572 em Paris são enquadradas no seu correto contexto histórico, creio que podem ser explicadas em termos de uma operação cirúrgica que correu mal e não como um ato de genocídio premeditado.

Ao longo da sua vida, esta indómita mulher enfrentou uma série de tragédias e reveses pessoais e, quando não é condenada como pérfida, é lamentada pela aparentemente interminável sucessão de golpes que sofreu. Órfã à nascença e encarcerada na infância, o seu casamento com Henrique de Orleães (mais tarde o rei Henrique II de França), a quem amava apaixonadamente, valeu-lhe anos de infelicidade ao ver-se preterida pelo marido em favor da amante, a magnetizante Diana de Poitiers. Após uma década

sem filhos e de quase repúdio, Catarina deu finalmente à luz dez filhos – que eram todos, quase sem exceção, velhacos, infames e corruptos. A súbita morte do marido propeliu esta neófita política, então com quarenta anos, para o centro do poder e, forçada pela necessidade, tornou-se a habilidosa e denodada defensora da sua dinastia e país de adoção.

Seria tão errado considerar Catarina pérfida como rotulá-la de vítima das terríveis circunstâncias da sua vida. Ela foi, antes de tudo, uma corajosa sobrevivente e um verdadeiro produto do seu tempo. A vida, o caráter, as particularidades pessoais, as contradições, as paixões, os pontos fortes e fracos e a simples audácia desta inigualável mulher constituem o fio crucial da minha história. Catarina não foi movida por crenças religiosas nem por convicções ideológicas. Profundamente cética e pragmática por natureza, nem a moral nem o remorso entravaram a sua luta pela sobrevivência dos filhos, da sua dinastia e da França. Para compreender esta complexa mulher, é necessário reconhecer que estes três elementos representavam a mesma coisa. Após a morte do marido e com base na muda observação que até então havia feito dos conflitos políticos e religiosos em França, procurou seguir uma via de concertação entre as fações adversárias. Contudo, se a razão e a conciliação fracassavam, não hesitava em servir-se do «direito régio à execução sumária» para preservar o reino.

Não sou, naturalmente, a primeira pessoa que tenta narrar a história de Catarina com objetividade. Gostaria de aproveitar integralmente esta oportunidade para agradecer os inestimáveis contributos recentes de M. Ivan Cloulas e do professor Robert Knecht para o cânone de erudição sobre Catarina de Médici. Só a inspiração de grandes historiadores como eles permite que os biógrafos possam discernir o panorama geral e, no meu caso, o imperativo genético que levou Catarina a promover os interesses do marido e dos filhos.

Na sua biografia de Guilherme, o *Taciturno*, a historiadora C. V. Wedgwood escreveu: «A História é vivida em frente, mas é escrita em retrospectiva. Conhecemos o fim antes de considerarmos o princípio e nunca conseguimos recapturar totalmente como era conhecer apenas o princípio.» Este livro foi escrito com esse seminal facto historiográfico em mente: serão apresentadas ao leitor as opções políticas e pessoais muitas vezes limitadas de Catarina. Como teríamos ou poderíamos nós ter agido de modo diferente?

Em grande parte, o desprezo que muitos escritores franceses exprimiram, até recentemente, pela rainha de França, nascida em Itália, é absurdamente

ultranacionalista. O facto de ser uma mulher que detinha o poder em nome dos filhos pusilânimes, de ser estrangeira, mas governar a França, e de não possuir sangue real, mas mesmo assim se ter tornado rainha, foi suficiente para condená-la aos olhos de muitos historiadores franceses dos séculos XVIII e XIX. A sua luta constante, primeiro para apaziguar os huguenotes e, mais tarde, para conter a ameaça que representavam, culminando com a Matança de São Bartolomeu, condenou-a aos olhos dos escritores e propagandistas tanto católicos como protestantes. Há ainda muito de factualmente inexato nos seus melodramáticos relatos sobre a alegada perfídia de Catarina, o seu apetite de vingança, as histórias pitorescas do seu armário de venenos e, sobretudo, uma simples e mortal sede de poder.

Esforcei-me por escrever uma biografia que retificasse o pendor da História quase inteiramente adverso a Catarina e que objetivamente a retratasse pelo que ela era: uma mulher de inteligência, coragem e ânimo infatigável que deu o seu melhor pelo seu país amado, ainda que adotivo, num momento em que o assolava – sem que fosse culpa sua – uma longa série de perigos que raramente um estado soberano até então vivera ou viria a viver.

Catarina era uma mulher de contradições fascinantes, simultaneamente uma pragmática e uma idealista. Apesar da sua própria adesão à Igreja Romana, abordava as divergências entre católicos e protestantes como se pudessem ser resolvidas através do debate racional. A sua surpreendente capacidade para o sentimentalismo era comparável à sua habilidade para se distanciar implacavelmente quando necessário. Embora normalmente uma mulher prática e esclarecida, procurava refrigério e orientação junto dos seus adivinhos, astrólogos e do oculto. O seu amor pelas artes, pela sumptuosa grandiosidade e pela exploração de novas ideias coexistia com o seu conhecimento de que, por detrás da cortina dos deslumbrantes espetáculos que criava na corte, havia igualmente lugar para banhos de sangue criteriosos, vendetas e o punhal do assassino.

Após a morte do seu adorado marido, Henrique II, Catarina usou o seu traje de viúva com orgulho. Enquanto as famosas beldades da sua «brigada móvel» extraíam, por meio da sedução, informações aos seus admiradores na corte, Catarina erguia-se majestosa, atrás do seu véu, a sua figura perpetuamente trajada de negro em contraponto acentuado com as ninfas vestidas de branco. Misteriosa e enigmática quando assim pretendia, a rainha-mãe exasperava muitos dos seus adversários políticos.

O século XVI é notável por muitas razões, mas, em particular, pelo número de mulheres poderosas que o dominaram. Do «monstruoso regimento» de John Knox, os exemplos mais evidentes e familiares aos leitores ingleses são Isabel I, Maria Tudor e Maria, rainha da Escócia. Menos conhecidas de nós são Maria de Guise, regente da Escócia, Margarida da Áustria, regente dos Países Baixos Espanhóis, Margarida de Parma – que também aí reinou entre 1559 e 1567 – e Joana, *la Loca (a Louca)*, filha de Fernando e Isabel de Espanha, que herdou da mãe o trono de Castela em 1504. A Itália produziu igualmente mulheres fascinantes como Isabel de Este, a bela duquesa de Mântua, que desempenhou um papel crucial não apenas no ducado do marido, mas muito para além das suas fronteiras. Não existe, porém, qualquer dúvida de que a mais importante, afamada e influente mulher italiana deste período foi de longe Catarina de Médici, filha de Florença e rainha de França.

Esta obra não podia ter sido escrita sem a ajuda e ativa colaboração de um vasto número de pessoas que deram generosamente a sua sabedoria e tempo sem qualquer ideia de retribuição ou recompensa. Estou-lhes profundamente grata. Em primeiro lugar está M. Ivan Cloulas, conservador geral honorário dos Arquivos Nacionais de Paris, e o seu pessoal. M. Cloulas encorajou-me a empreender este projeto. Ele e o seu pessoal foram incansavelmente eficientes e amáveis. A soberba erudição e as obras do professor Robert Knecht sobre Catarina de Médici, o rei Francisco I e a França do século XVI revelaram-se uma extraordinária fonte de inspiração para mim.

Juntamente com M. Cloulas e o professor Knecht, gostaria de agradecer em particular ao meu amigo de longa data Paul Johnson pela sua inestimável ajuda em matéria do Renascimento e das questões religiosas prevalentes na França do século XVI. O conde de Oxford e Asquith também me orientou através dos campos minados da teologia da época e ajudou-me e incentivou-me de inúmeras outras formas. Do mesmo modo, o conde Dr. Niccolò Capponi foi instrumental na pesquisa para este livro, tanto por ter disponibilizado os seus inigualáveis contactos em Florença como pelas muitas conversas que tive com ele e por ter facultado o acesso ao seu arquivo familiar privado.

Gostaria de aproveitar esta oportunidade para agradecer às seguintes pessoas pela sua ajuda ao responderem a perguntas, orientarem a minha pesquisa e proporcionarem percepções fascinantes sobre Catarina de Médici,

a sua vida e a sua época: a Dr.^a Franca Arduini, diretora da Biblioteca Medicea Laurenziana; a condessa Brooke Capponi; a Dr.^a Alessandra Contini, Archivio di Stato di Firenze; Robin Harcourt Williams, bibliotecário e arquivista, Hatfield House; a Dr.^a Giovanna Lazzi, Biblioteca Riccardiana; a Dr.^a Sabina Magrini, Gabinete de Relações Públicas, Biblioteca Medicea Laurenziana; Rebecca Milner, conservadora, Victoria and Albert Museum; a condessa Dr.^a Beatrice Paolozzi Strozzi, diretora, Museu Bargello; Helen Pearson, conservadora adjunta, Departamento de Mobiliário, Têxteis e Moda, Victoria and Albert Museum; a Dr.^a Paola Pirollo, Biblioteca Nazionale Centrale di Firenze; o Dr. Renato Scapechi, Biblioteca Nazionale Centrale di Firenze; a Dr.^a Margaret Scott, História do Traje, Courtauld Institute; a Dr.^a Marilena Tamassia, Gabinetto Fotografico, Museu Uffizi.

Um dos aspetos mais agradáveis durante a escrita deste livro foram as minhas visitas aos castelos construídos ou usados por Catarina. Pela sua gentileza durante estas visitas – onde me foram com frequência mostradas salas que não estão normalmente abertas ao público –, gostaria muito de agradecer a M.^{me} Gun Nihlèn Patou, Conférencière de la RMN em Fontainebleau; M. Eric Thierry Crepin Leblond, Conservateur Général du Château de Blois e o seu pessoal; M. Voison, Conservateur du Château de Chenonceau e o seu pessoal; M. Sueau, Secrétaire Général du Château d'Amboise e o seu pessoal; e M.^{me} de Gourcuff, Administrateur du Château de Chambord e o seu pessoal.

Muitos amigos emprestaram-me livros das suas coleções particulares, discutiram diferentes aspetos da vida de Catarina do seu ponto de vista especializado e deram, em geral, um inestimável contributo para o meu trabalho de vários modos diferentes, pelo que gostaria de agradecer às seguintes pessoas: Sua Excelência o embaixador francês Daniel Bernard, a marquesa Ginevra di Bruti Liberati, o marquês e a marquesa Pierre d'Angosse, Sua Excelência o embaixador português José Gregório Faria, Lady Antonia Fraser, Mark Getty, Sir John Guinness, Sua Alteza a princesa Michael de Kent, o visconde Lambton, Robert Nadler, o Dr. Guy O'Keeffe, Andrew Ponton, Sua Excelência o embaixador espanhol o marquês de Tamarón, Lord Thomas de Swynnerton, Lady Anne Somerset, o professor Norman Stone, a Ilustre Claire Ward, Lord Weidenfeld e o conde Adam Zamoyski.

A bondade e a lealdade ao longo de todo este projeto do meu editor de texto da Weidenfeld and Nicolson, Ion Trewin, foram heroicas. Dirijo ainda a minha gratidão ao meu editor, Anthony Cheetham, e à minha agente,

Leonie Frieda

Georgina Capel, cuja fé em «Catarina» nunca vacilou. Saúdo Ilsa Yardley pela sua excelente revisão de texto e a indispensável Victoria Webb, a minha editora assistente. Devo ainda agradecer a Tom Graves pela sua inspirada pesquisa de imagens.

Por fim, o meu amor e gratidão a Andrew Roberts pela sua infatigável ternura, pontuação, bons conselhos e por não me deixar desistir quando senti vontade de devolver o dinheiro e fugir; e aos meus pais e família, sobretudo a Lil' e a Jake. Deus os abençoe por tudo o que me deram.

LEONIE FRIEDA
Outubro de 2003

www.leoniefrieda.com

PRÓLOGO

MORTE DE UM REI

Maldito seja o mágico que vaticinou tão malevolamente e tão bem

Junho-julho de 1559

Ao fim da tarde de sexta-feira, 30 de junho de 1559, uma comprida farpa de madeira de uma lança, numa justa, perfurou o olho e o cérebro do rei Henrique II de França. O ferimento infetado inflamou-lhe o rosto, privando-o gradualmente da vista, da fala e da razão, e ao cabo de dez dias de sofrimento faleceu no Castelo de Tournelles, em Paris. A sua morte não foi apenas trágica – revelar-se-ia calamitosa.

A justa integrara-se nos festejos que assinalaram a celebração em abril do Tratado de Cateau-Cambrésis, que pôs fim à ruínosa série de guerras entre a França e a Espanha pelo domínio da Itália. Muitos franceses consternados acreditavam que a Itália fora oferecida de bandeja com um simples traço de pena e ninguém sentia isto mais vivamente do que a mulher florentina de Henrique, Catarina de Médici, cujas esperanças de recuperar o seu património perdido se desvaneceram com a paz. Porém, retirou uma consolação do tratado: a sua filha mais velha, Isabel, casaria com o partido mais elegível da Europa, o rei Filipe II de Espanha. Um bónus adicional proporcionou um marido à irmã solteira de Henrique e melhor amiga de Catarina, Margarida, que aos trinta e seis anos era considerada praticamente inúbil. Esta deveria desposar o aliado de Filipe, Manuel Filiberto, duque de Saboia, um valoroso soldado com a alcunha pouco auspiciosa de «Cabeça de Ferro».

Não se perdeu tempo a preparar as bodas. Determinado em demonstrar a Filipe que a França em nada ficara diminuída com o sacrifício da Itália, Henrique – embora sufocado pelas dívidas de guerra – pedira emprestado mais de um milhão de escudos «para custear os preparativos destes

triunfos»*. Homem vigoroso e robusto, brilhou na justa e organizara a competição de cinco dias, em grande medida, para exibir a sua própria perícia. Tanto Henrique como Catarina ficaram desapontados, o que não causou surpresa, quando Filipe – viúvo desde a morte recente da rainha inglesa, Maria Tudor, no ano anterior – anunciou que não estaria pessoalmente presente em Paris. De modo característico, o escrupuloso monarca justificou a sua ausência com a tradição, dizendo: «Exige o costume que os reis de Espanha não vão buscar as suas mulheres, mas que as suas mulheres lhes sejam levadas.»¹ Assim, o noivo enviou um representante sinistro – o severo militar e estadista Fernando Alvarez de Toledo, duque de Alba.

Com a ascensão do protestantismo em França a ameaçar seriamente tanto a autoridade do rei como a unidade do país, Henrique vira-se obrigado a celebrar a paz com Filipe. No início de junho, Henrique havia promulgado um édito anunciando uma cruzada para libertar o reino da «ralé luterana» e, apesar de não ser possível fazer muito até à partida dos seus augustos hóspedes, ordenou a detenção de vários protestantes proeminentes em Paris. Apressadamente julgados e condenados à fogueira por heresia, a sua captura causou um considerável clamor de protesto e foi concedida uma suspensão da execução até ao final dos festejos. Os homens condenados aguardaram a sua sorte nas masmorras da prisão Le Châtelet, em Paris, enquanto nas imediações, na larga Rue Saint-Antoine, próximo do Castelo de Tournelles, ouviam as pedras da calçada a ser levantadas para dar lugar à arena da justa e à construção de tribunas para os espectadores e de arcos triunfais guarnecidos com as armas de Espanha, França e Saboia.

Um contingente de arautos anunciou o desafio do rei de que Sua Alteza o rei de França, o seu filho mais velho, o delfim Francisco, o duque de Guise e outros príncipes da corte francesa enfrentariam todos quantos se apresentassem. Sir Nicholas Throckmorton, o embaixador inglês, registou: «O próprio rei, o delfim e os nobres... ensaiam diariamente a arte da justa que será certamente muito imponente e sumptuosa.»² Os parisienses adoravam o espetáculo, mas as suas expectativas foram frustradas quando Alba e a sua comitiva chegaram a 15 de junho. As modas espanholas sempre haviam sido austeras, mas os seus trajes escuros e de aspeto modesto levaram os franceses

* O sistema monetário francês, no século XVI, era complexo. A moeda mais importante era o escudo de ouro. Dependendo da data exata, este consistia aproximadamente em duas libras tornesas. A libra dividia-se em 20 soldos e o soldo, por seu turno, dividia-se em 12 dinheiros.

a pensar se a intenção teria sido provocar uma afronta deliberada. Alguns dias mais tarde, tudo isto caiu no esquecimento quando Henrique deu as boas-vindas ao seu inimigo recente no Palácio do Louvre. Manuel Filiberto de Saboia chegou escoltado por 150 homens, faustosamente vestidos com gibões carmim, sapatos a condizer e capas de veludo negro bordadas a renda de ouro.

Na quinta-feira, 22 de junho, Isabel de França, de catorze anos, casou-se com Filipe de Espanha, de trinta e dois, por procuração, na Catedral de Notre-Dame. Após as bodas, teve lugar um ritual primitivo. Isabel e Alba entraram para a enorme e magnificente cama – cada um deles com uma perna nua. Quando as pernas despidas de ambos se tocaram e esfregaram os pés, o casamento foi declarado consumado. Seis dias mais tarde, na quarta, 28 de junho, começaram as justas.

Na sexta-feira, terceiro dia do torneio, já o tempo se tornara quente e pesado. A Rue Saint-Antoine desfrutava de pouca sombra e um vasto número de camponeses subira aos telhados das casas para assistir à entrada do rei na arena. Havia semanas que as damas e os gentis-homens da corte preparavam «as suas elegantes e dispendiosas vestes», alguns exibindo nas costas o valor total dos seus patrimónios³. Numa tentativa de deslumbrar nos festejos, Catarina havia encomendado 300 peças de tecido de ouro e prata de Itália para os seus trajes de cerimónia; extravagante por natureza, deleitava-se em usar vestuário magnífico. Um observador notou que era difícil distinguir o que mais brilhava, se o Sol ou as joias. O rei nunca parecera tão feliz.

O mesmo não se pode dizer da mulher. Sentada na companhia do filho, o delfim, e da altaneira figura da nora, Maria, rainha da Escócia, Catarina estava visivelmente ansiosa*. Na noite anterior sonhara que o marido estava derrubado por terra com o rosto coberto de sangue⁴. A crença inabalável da rainha em videntes e astrólogos dava-lhe razões para se sentir receosa. Em 1552, Luca Guorico, o astrólogo italiano da família Médici, advertira Henrique de que ele devia ser especialmente cauteloso por volta dos quarenta anos para «evitar qualquer combate individual num espaço fechado», a fim de não correr o risco de um ferimento que pudesse cegá-lo ou mesmo matá-lo. Henrique tinha agora quarenta anos e quatro meses. Ademais,

* Com 1,78 metros de altura, Maria, rainha da Escócia, era uma mulher excecionalmente alta pelos padrões do século XVI.

em 1555, Nostradamus havia publicado a sua profecia nas *Centúrias*, na quadra I.XXXV:

O jovem leão vencerá o velho, numa
Arena de combate em luta individual.
Perfurar-lhe-á os olhos numa jaula dourada,
Duas feridas de um golpe, terá uma morte cruel.

Citando estes augúrios funestos, pois o velho leão podia ser interpretado como sendo o rei e a jaula de ouro a sua viseira, Catarina implorara ao marido que não combatesse nesse dia. Alegadamente, ele terá mesmo chegado a observar ao homem que por acidente o golpeou: «Não me importo se a minha morte ocorrer desta maneira... Até preferia morrer às mãos fosse de quem fosse, desde que fosse valente e corajoso e eu morresse honrosamente.»

A amante de Henrique estava ostensivamente sentada, cercada por damas da corte. A soberba Diana de Poitiers, duquesa de Valentinois, possuía o coração do rei desde a adolescência deste. Agora, com quase sessenta anos, a «Madame», como era conhecida de todos – incluindo a rainha –, não perdera encantos, pelo menos aos olhos dele, continuando a ser «a dama que eu sirvo». Fria, distante e elegante, Diana ficara viúva em 1531. Desde a morte do marido, apenas trajava de luto negro e branco, sabendo como lhe assentava bem, sobretudo ao lado das aperaltadas cortesãs. Catarina, com quarenta anos, roliça e bojuda depois de dar à luz dez filhos, há muito que dominava a «arte do fingimento oportuno» e, com algumas raras exceções, tinha passado os últimos vinte e seis anos a ignorar graciosamente a escravatura total em que a «Madame» mantinha o marido que ela pateticamente adorava.

Henrique começou o dia a combater bem. Usando as cores de Diana, o preto e o branco, venceu desafios dos duques de Guise e de Nemours. Satisfeito com o cavalo que Manuel Filiberto de Saboia lhe oferecera, Henrique gritou-lhe em jeito de agradecimento: «Foi o vosso cavalo que me ajudou a lutar bem hoje!» Entretanto, o rei sentia-se cansado, mas insistiu em realizar mais uma corrida. Catarina fez-lhe chegar um pedido para que não continuasse. Irritado, Henrique mesmo assim replicou cortesmente: «É precisamente por vós que combato.» Mais uma vez, montou a cavalo – profeticamente batizado de *Malheureux* – e preparou-se para pelejar contra o valoroso jovem capitão da sua guarda escocesa, Gabriel, conde de

Montgomery*. Nesse momento, consta que um rapaz da multidão quebrou o silêncio expectante com o grito: «O rei morrerá!»

Pouco depois, os dois homens colidiram e Montgomery quase derrubou Henrique da sela. Eram cinco horas e alguns espectadores levantaram-se para sair. O rei estava de bom humor, mas queria a desforra. Embora Montgomery tivesse ficado receoso e suplicasse o consentimento do rei para se retirar, Henrique insistiu com o grito: «É uma ordem!» Mais uma vez Catarina pediu ao rei que parasse. Ignorando-a, pediu o elmo ao marechal de Vieilleville, que disse: «Alteza, juro diante de Deus que nas três últimas noites sonhei que este último dia de junho será fatal para vós.»⁵ Henrique mal terá ouvido estas palavras porque não esperou pelo habitual toque de corneta que assinalava o início da corrida. Os dois cavaleiros cavalgaram em direção um do outro. Ao encontrarem-se com um estrondo de madeira estilhaçada, Henrique, agarrando com os braços o pescoço do cavalo, «teve grande dificuldade (oscilando para trás e para a frente) para se manter na sela»⁶. A rainha soltou um grito e, num ruidoso clamor, a multidão ergueu-se.

Os dois homens mais poderosos de França a seguir ao próprio rei – o duque de Montmorency e o duque de Guise – precipitaram-se para impedir Henrique de tombar da sela. Baixando-o para o solo, retiraram-lhe a armadura. Encontraram a viseira semiaberta e o rosto ensopado em sangue com farpas de madeira «de um bom tamanho» a sair-lhe do olho e da têmpora. O rei estava «muito fraco... quase entorpecido... não movia mão nem pé, mas estava como que aturdido»⁷. Ao ver isto, o jovem adversário implorou ao seu soberano que lhe mandasse cortar a cabeça e as mãos, mas «o bondoso rei, que, no seu tempo, não teve igual em generosidade, respondeu que não estava zangado... que não tinha nada a perdoar, pois ele obedecera ao seu rei e portara-se como um corajoso cavaleiro»⁸. A multidão juntou-se para tentar captar um vislumbre de Henrique, que foi transportado para o Castelo de Tournelles. Uma vez aí, os portões foram aferrolhados e ele insistiu em subir a grandiosa escadaria pelo seu pé, mas com a cabeça e os ombros amparados. Foi uma lúgubre procissão. O delfim, que previsivelmente desmaiara, foi transportado atrás do rei, seguido por Catarina e pelos nobres mais importantes. Caindo na cama, Henrique tentou imediatamente

* Há historiadores que defendem que é improvável que um cavalo oferecido a um rei fosse batizado de *Malheureux* e que só recebeu esse nome depois do acidente.

juntar as mãos em oração e bater no peito num ato de contrição pelos seus pecados. Era como se já se estivesse a preparar para a morte.

«Houve profundos e maravilhosos lamentos e pranto por ele tanto de homens como de mulheres», escreveu Throckmorton, e receava-se que o rei não vivesse por muitos mais momentos. Foram chamados os cirurgiões reais. A bravura de Henrique foi extraordinária enquanto os médicos procuravam extrair-lhe as farpas. Regurgitando de dor, só uma vez se ouviu o infeliz doente gritar. Foram prescritos os habituais e apavorantes remédios (pelos padrões modernos): sangraram-no, purgaram-no, deram-lhe uma onça de papas de cevada, que ele imediatamente vomitou, foram «aplicados refrigerativos» e o ferimento foi tratado com clara de ovo. Posto isto, ele sucumbiu a um estado de semiconsciência febril e foi acompanhado dia e noite pela mulher, pelo duque de Saboia e pelo irmão do duque de Guise, o cardeal de Lorena. O rei teve um «descanso muito ruim» e, às três da manhã, a vigília foi revezada. Levada para repousar, Catarina parecia tomada de um transe de choque.

Entretanto, Saboia havia chamado o cirurgião pessoal de Filipe II, André Vesalius. Foram levadas ao celebrado médico as cabeças decapitadas de vários criminosos que tinham sido executados no dia anterior. Ele e Ambroise Paré (o seu homólogo francês) tentaram replicar o ferimento com lascas de madeira denteadas nos crânios dos cadáveres. Enquanto discutiam os inconclusivos resultados das suas macabras experiências, o declínio de Henrique prosseguia. Em breves períodos de lucidez pediu música e ditou uma carta ao embaixador francês em Roma, expressando a esperança de que a luta recentemente iniciada contra os hereges continuasse caso se restabelecesse. A notória ausência de Diana de Poitiers refletia o estado desesperado de Henrique. «A Madame... não entrou na alcova desde o dia do ferimento com medo de ser expulsa pela rainha», registou um cronista⁹. Catarina partilhara toda a sua vida de casada com Diana, mas estes derradeiros momentos pertenciam-lhe exclusivamente a ela. Numa outra parte do castelo, Diana aguardava ansiosamente por notícias do amante. Duas noites antes de Henrique morrer, chegou um oficial da parte da rainha exigindo a devolução das muitas joias pertencentes à coroa que Henrique oferecera à sua gananciosa amante. «O quê? Ele está morto?», teria ela perguntado. «Ainda não, Madame», redarguiu o oficial, «mas pode não durar muito tempo.»¹⁰ Diana respondeu que enquanto o coração do rei batesse não perderia o ânimo e não obedeceria a «ninguém senão a ele».

Na noite de 4 de julho, a temperatura do rei subiu vertiginosamente. Tinha-se instalado a septicemia. Falou-se em trepanar a ferida para aliviar a pressão e atenuar a dor, mas a remoção das ligaduras revelou tais quantidades de pus que a ideia foi abandonada. Henrique estava condenado e nada mais se podia fazer senão esperar pela sua morte. Era este desfecho que Catarina temera desde que se casara com Henrique aos catorze anos. Fora uma esposa apaixonadamente dedicada e extremosa. Sempre receosa de perdê-lo, ela e as suas aias tinham trajado de luto sempre que ele partira para a guerra. Durante as suas expedições bélicas, quando não escrevia constantemente a pedir notícias dele, passava o tempo em oração realizando extravagantes oferendas, agarrada aos seus inúmeros talismãs e amuletos para garantir o seu regresso são e salvo. Embora tivesse sempre temido as profecias eivadas de desgraça, não se preparara para o que estava a acontecer.

Alternando entre lágrimas e orações, Catarina corria do leito de morte do marido para o delfim, que estava deitado na cama a baloiçar-se, a gemer e a chorar como que demente, batendo com a cabeça na parede. Acabou por não poder assistir ao momento em que Henrique perdeu a visão e a fala. Durante os seus últimos momentos de lucidez, o rei ordenara ao filho que escrevesse a Filipe de Espanha confiando a família e o reino à sua proteção. Pegando-lhe nas mãos, disse: «Meu filho, vais ficar sem pai, mas não sem a sua bênção. Rezo para que sejas mais afortunado do que eu fui.» «Meu Deus! Como posso viver se o meu pai morrer?», exclamou o delfim, logo desmaiando de novo.

Há quem diga que o rei mandou chamar Catarina no dia 8 de julho e, após insistir com a rainha para que garantisse que o casamento da sua irmã Margarida se realizava, «confiou-lhe o seu reino e os seus filhos»¹¹. Na noite seguinte, as tristes bodas de Margarida e do duque de Saboia tiveram obedientemente lugar na sala de Isabel, e a missa foi apressadamente celebrada, pois poderiam chegar notícias da morte do rei antes de ter terminado. Catarina estava demasiado atormentada para comparecer. Na manhã seguinte, de madrugada, Henrique recebeu a extrema-unção e à uma da tarde faleceu¹². Anos mais tarde, a filha Margot evocou a morte do pai como «o rude golpe que privou a nossa Casa de felicidade e o nosso país de paz»¹³.

Durante os derradeiros dias do rei, os homens mais poderosos do país juntaram-se em redor da cama do seu senhor. No entanto, não estavam unidos. O duque de Montmorency, grão-mestre e condestável de França, fora mentor, amigo e pai substituto de Henrique. Militar e conservador, era,

depois da coroa e da Igreja, o maior proprietário de terras em França, desfrutando do apoio incondicional dos seus feudos. Embora ele próprio fosse católico, alguns dos seus familiares haviam-se tornado recentemente protestantes ou simpatizantes do protestantismo. Durante o último ano de vida de Henrique, o condestável unira forças com Diana, a amante do rei, para impedir o acesso ao poder dos seus rivais, os irmãos Guise.

Os dois irmãos Guise mais velhos, descendentes de um ramo jovem da Casa de Lorena (ducado na fronteira nordestina de França), podiam igualmente contar com a ajuda de muitos vassalos. O mais velho – o duque Francisco – era um herói de guerra popular. Soldado corajoso e distinto, fora favorito do falecido rei. O seu irmão Carlos, cardeal de Lorena, um exímio político e cortesão supremo, era também o inquisidor-mor de França. O par, ambos ultracatólicos e com talentos complementares, constituía uma temível equipa. Nos últimos tempos, haviam caído em desgraça por não terem apoiado a devolução do património italiano na posse da França ao abrigo de um tratado recente. Isto, por sua vez, tornara-os mais simpáticos aos olhos de Catarina. Agora esperavam um papel fulcral no governo do país, especialmente porque eram tios de Maria, a rainha da Escócia, então com dezasseis anos, mulher do pusilânime filho mais velho de Catarina, o delfim, e desde a morte de Henrique a nova rainha de França. Para profunda irritação de Catarina, Maria tinha uma enorme influência sobre o marido, ainda adolescente, mas agora o rei Francisco II, e por sua vez recorria aos tios solicitando orientação sobre assuntos de grande e pequena importância.

Desde o acidente, a populosa e festiva cidade de Paris transformara-se num lugar silencioso onde a esmagadora maioria das pessoas estava atordada e lamentosa pela perda do seu rei. Temiam igualmente, e com razão, as incertezas políticas que aguardavam o reino. «O palácio passou do casamento a uma morgue», escreveu um observador, e nas ruas o cidadão comum chorava genuinamente a morte do seu soberano. A proclamação do rei Francisco II dava-lhe poucos motivos de encorajamento.

Montmorency e outros nobres importantes da facção contrária aos Guise permaneceram junto do cadáver do falecido rei enquanto os médicos lhe removiam o coração e as entranhas, para serem enterrados em separado, e seguidamente o embalsamavam. Foram montados altares por todo o Castelo de Tournelles e as salas e os corredores foram revestidos de preto. Os bispos e outros clérigos revezavam-se junto do corpo agora embalsamado do rei.

Os clérigos, rodeados de altos círios, ajoelhavam-se e entoavam salmos fúnebres enquanto o quarto de Henrique se transformava numa capela ricamente decorada com um altar de cada lado da cama. Em bancos cobertos de tecido de prata sentavam-se súbditos de todas as classes sociais que assistiam a uma das seis missas de requiem celebradas diariamente pela alma do rei. Catarina prestou igualmente tributo ao falecido marido durante quase vinte e seis anos. Ajoelhando-se diante dele, despediu-se do seu corpo enquanto os que permaneciam no castelo começavam a elaborada vigília de quarenta dias.

Durante este período crítico, o condestável Montmorency e o partido deste foram afastados enquanto os Guise se apoderavam dos principais cargos de estado. Embora Montmorency – que Francisco II detestava – tivesse provavelmente previsto uma certa perda de poder, dificilmente teria imaginado em que medida se veria politicamente marginalizado. Na verdade, as quezílias já haviam começado antes de o rei falecer; os Guise falavam de que iriam acusar o condestável de crime de lesa-majestade por não ter garantido a segurança do rei durante a justa, enquanto o velho deambulava pelos corredores, inconsolável perante a perspectiva de perder o seu senhor, amigo e companheiro de armas.

Deixando o corpo do defunto rei com Montmorency e os aliados deste, os Guise sabiam que tinham de se estabelecer no poder antes que o país tivesse tempo para reagir à tragédia. Era previsível uma séria ameaça à sua hegemonia da parte do primeiro príncipe de sangue, António de Bourbon, e dos irmãos deste. Os Bourbon, tal como os Valois, eram descendentes da dinastia dos Capetos, que governava a França desde o ano de 987. Em 1328, Carlos IV, *o Belo*, morreu sem um herdeiro varão e o ramo principal dos Capetos extinguiu-se, passando a coroa para os Valois, um ramo mais novo da dinastia. Se os quatro filhos sobreviventes de Henrique e Catarina morressem sem filhos varões, a família dos Bourbon era a primeira na linha de sucessão ao trono. Legalmente, como sendo os únicos príncipes de sangue para além destes quatro príncipes de Valois, os Bourbon dominariam qualquer conselho regente. Embora António de Bourbon fosse preguiçoso, egoísta e fraco de vontade, os Guise não queriam correr riscos desnecessários e decidiram que o novo rei devia retirar-se para o Louvre, longe dos seus rivais. Em conformidade, Francisco e a mulher, assim como os filhos mais novos de Catarina, foram reunidos para empreender a curta viagem através de Paris. A sombria figura, trajando de negro, da angustiada rainha viúva integrou então inesperadamente o grupo. Rejeitou não apenas o habitual luto

branco das rainhas francesas, mas também a tradição que exigia que permanecesse em isolamento durante quarenta dias no local onde o marido morreria. Catarina sabia que tinha de quebrar a tradição. Apesar de devastada pela sua perda, era indispensável ao golpe de estado dos Guise.

Durante o reinado do marido, Catarina havia, com extrema habilidade, evitado tomar abertamente o partido quer da facção dos Guise quer da facção de Montmorency. Mantendo uma disposição dócil e boas relações com ambas, procurava com frequência o seu conselho e ajuda, desarmando-os com a sua aparência de humildade. Embora eles não o soubessem, detestava ambas as facções praticamente com a mesma intensidade. Não esquecia as suas ofensas passadas, a sua bajulação de Diana de Poitiers e o imenso domínio que exerciam sobre o falecido marido. Eles, por sua vez, haviam largamente ignorado a rainha, subestimando terrivelmente a sua inteligência e disfarçado orgulho. Entretanto, embora o rei Francisco II tivesse tecnicamente idade suficiente para governar, as suas evidentes fraquezas, tanto físicas como mentais, exigiam um conselho que administrasse o país. Para proteger o filho, os outros filhos pequenos e a si própria, Catarina tinha de participar na cabala dos irmãos Guise.

Não faltavam inimigos aos Guise: alguns tinham inveja da sua riqueza e poder, outros não partilhavam o seu ultracatolicismo e outros ainda consideravam-nos usurpadores estrangeiros. Os irmãos precisavam de Catarina para legitimar a sua posição; a presença dela emprestava-lhes uma aprovação implícita. Assim, parece ter-se celebrado um pacto tácito entre a viúva e os Guise. Os portões do Castelo de Tournelles foram abertos para deixar sair as carruagens reais em direção ao Louvre e para que a vasta multidão na rua pudesse assistir à partida da família real. Vários observadores registaram que o duque de Guise transportava ao colo um dos filhos mais novos de Catarina, transmitindo aos espectadores uma poderosa imagem de proteção paternal. Maria foi vista a esperar um momento para deixar a sogra entrar para a carruagem em primeiro lugar, mas Catarina compreendia qual era a sua nova posição e pareceu mesmo saboreá-la, insistindo para que a nova rainha a precedesse.

Pela primeira vez, Catarina estava destinada a um papel que lhe pertencia exclusivamente. Tivera de partilhar o marido com Diana de Poitiers. Partilhara, em larga medida, o estatuto de rainha de França com Diana; fora mesmo obrigada a partilhar a educação dos filhos pequenos com a favorita. Contudo, a sua viuvez seria unicamente sua. Até ao fim dos seus

dias, protegê-la-ia zelosamente. Dedicaria a sua vida à memória de Henrique e aos filhos, pois eles representavam o legado que ele deixara à França. Seria a guardiã da monarquia e do mito do marido, aprendendo a moldar a História de acordo com as suas necessidades. Depois de uma vida apagada atrás da máscara de uma discrição servil, a rainha-mãe, então com quarenta anos, envolta em trajes de viúva, dava cautelosamente os primeiros passos para se tornar senhora de França.